

# A crítica francesa não gostou do escritor Sarney

Se dependesse do apoio da crítica literária francesa, o livro **Au Delà des Fleuves**, em português **Norte das Águas**, do escritor José Sarney, venderia muito pouco da sua primeira edição de cinco mil exemplares. Isso porque, até agora, ela praticamente ignorou o lançamento da obra ocorrido com festas em Mirabeau e em Paris, organizada pelas edições "Stock", pertencente ao grupo "Hachette". A divulgação feita se limitou ao programa social da passagem do presidente e sua numerosa comitiva por Paris, os jantares e recepções "black tie". Uma única exceção foi a entrevista concedida ao mais famoso dos críticos literários de televisão; Bernard Pivot, mas que não escondia de ninguém um certo mal-estar diante das câmeras nos 15 minutos que durou a entrevista.

Agora, uma nova e dura crítica surge nas páginas do semanário **L'Express** lembrando, antes de mais nada, que "o presidente costuma nem sequer esperar a publi-

cação do livro para condecorar seus editores franceses com a medalha do Cruzeiro do Sul e outras fitinhas". Dias antes da passagem do chefe de Estado à França, várias personalidades ligadas à área da edição receberam essa alta condecoração do governo brasileiro, em solenidade presidida pelo embaixador do Brasil, João Hermes Pereira de Araújo. Para o **L'Express**, o chefe de Estado brasileiro encontra-se de "segunda época na República das Letras", não tendo sido aprovado no primeiro turno ("ballottage").

No mesmo dia em que o escritor José Sarney é criticado pela revista, também o presidente da República não foi poupado pela divulgação dos resultados dos trabalhos da Comissão Parlamentar de Inquérito sobre corrupção, parcialmente reproduzidos pelo vespertino **Le Monde**. Em matéria de quatro colunas, o jornal tratou do assunto, citando o próprio presidente José Sarney como um dos implicados. Assim sendo, ontem, foi



uma "sexta-feira negra" não só para a imagem do chefe de Estado na França, mas também para a do escritor da Academia Brasileira de Letras...

A página da seção de livros da revista **L'Express** é inteiramente dedicada ao livro de Sarney que se encontra à venda nas livrarias francesas, inclusive, nas famosas "Fnac" e "Gibert Jeune". Para a articulista, Sylvaine Pasquier, "os contos do presidente" não parecem ter merecido aprovação. A articulista dá a entender claramente

que o chefe de Estado brasileiro não passou no exame inicial "na república das Letras". A seu ver, o livro foi recebido com reservas, tendo lembrado com uma forte dose de ironia que "o amor pela Literatura às vezes dá aos editores um entusiasmo de pioneiros". Ela começa sua crítica pelo prefácio de Jorge Amado, atribuindo-o a "uma amizade indefectível", apesar de engajamentos políticos extremamente opostos, durante o período da ditadura militar. O artigo relembra a origem de Sarney, governador, senador, líder do partido dos militares, fiel ao regime anterior, o que não impediu de, à última hora, passar para a oposição e ascender ao Poder em razão do desaparecimento prematuro de Tancredo Neves. Ainda segundo a revista francesa, "José começa poeta, tenta o romance, organiza comícios e negocia suas guinadas ideológicas, enquanto sonha com Balzac". Como resultado de tudo isso acabou nascendo uma "comédia dell'arte sob o Equador".

## Corrupção Governamental

A imagem presidencial foi também durante alcançada pela publicação das conclusões da Comissão Parlamentar de Inquérito sobre corrupção governamental, tidas pelo menos como embaraçosas para o chefe de Estado e seus colaboradores. Segundo o jornal **Le Monde**, o presidente Sarney é denunciado por suas "responsabilidades" em operações fraudulentas e prejudiciais às finanças públicas, enquanto seu conselheiro jurídico, Saulo Ramos, é acusado de "prevaricação" e seu ex-ministro do Planejamento de "corrupção". Para se defender, o antigo ministro do Planejamento, Aníbal Teixeira, chega a responsabilizar o presidente José Sarney, que teria dado seu aval toda vez que um crédito importante era liberado. Também é citado o ministro dos Transportes, José Reynaldo, envolvido na distribuição ilegal de créditos para compras de navios.

Reali Júnior, de Paris